

Uma breve análise da afirmação de Monique Wittig “as lésbicas não são mulheres”

De Zhu Wenqian Amber

A segunda onda feminista de 1960 e de 1970 foi caracterizada com a ideia de que “o pessoal é político” e da consciência do reconhecimento do que costumava ser considerado como “natural” sobre as mulheres, ser ideológico (Hollows,4). Um conceito importante desta onda foi o argumento de Simone de Beauvoir que “não se nasce mulher, tornar-se”, o que revela a definição da categoria “mulher” como uma formação social determinada pela ideologia patriarcal (301). Em 1980, quando o movimento de liberação das lésbicas e gays se desenvolveu, o discurso inteiro da heterossexualidade e do consagrado sistema gênero/sexo, conforme o qual há somente dois gêneros e um gênero é invariante e determinado pela genitália, são ainda mais invalidados pelo antagonismo das lésbicas feministas radicais contra a constituição social das “mulheres” como um aparente grupo natural.

Monique Wittig, uma das lésbicas feministas, vai além, ao argumentar que “as lésbicas não são mulheres” (The Straight Mind, 32), que não é o único confronto com a ideologia patriarcal, mas também, derruba o “the straight mind”, o tipo de mentalidade reforçadora das

raízes profundas do sistema heterossexual. Para Wittig, a suposta pré-disposição biológica na diferenciação de “homens” e “mulheres”, funcionam como uma máscara para esconder e racionalizar a aprovação implícita do relacionamento social obrigatório dos homens sobre as mulheres, que ela chama de “contrato heterossexual” (*The Straight Mind*, 32). Na verdade, sua afirmação radical que “as lésbicas não são mulheres” contem três camadas de implicações. Primeiro, através do testemunho de lésbicas, o argumento de Beauvoir é reconhecido que a categoria de “mulheres” é socialmente construída. Segundo, transcende o argumento, que declara a infirmeza e instabilidade das identidades sexuais/gênero das lésbicas, estendendo o campo de batalha à norma heterossexual de distinção entre “homens” e “mulheres”. Terceiro, nega-se completamente o discurso heterossexual, esforçando-se para a abolição das categorias de gênero e a liberação individual das expressões de gênero.

Comparada com as feministas heterossexuais, as lésbicas estão, sem dúvida, marginalizadas pelo patriarcado e heterossexismo. O gesto radical da afirmação de Wittig, manifesta que o discurso da heterossexualidade é universal e inevitável, que somente uma rebelião à terremoto possa sacudir sua sólida fundação. Como Wittig descreve, o *straight mind*, desenvolve uma interpretação totalizante da história, da realidade social, cultura e todos os outros fenômenos subjetivos, que tecem uma rede de bloqueio da “ordem simbólica” através da linguagem (*The Straight Mind*, 23). Esse discurso engendra, interpenetra em e reforça outro, levando a impossibilidade para as lésbicas e homens gays se comunicarem na sociedade heterossexual “a menos que falemos nos termos (heterossexuais) deles” (Wittig, *The Straight Mind*, 25). Com o estigma de anormalidade e aberração, as

lésbicas caem em objetos da psicanálise, sendo tratadas como casos patológicos e diferenciadas do “normal”.

Além disso, as categorias heterossexuais de sexo, submetem as lésbicas a duplas acusações: de não serem mulheres “reais” e não serem homens. Com uma orientação sexual original e sem dependência de homens, as lésbicas representam uma grave ameaça à afirmação do determinismo biológico e da autoridade masculina. Por isso, a fim de manter o controle dominante sobre as “mulheres”, o straight mind exclui as lésbicas da classe de “mulheres” que é caracterizada pelos traços de passividade, docilidade, e “virtude” (Wittig, “One Is Not Born a Woman”, 1980). No entanto, as lésbicas não podem ser “homens”, tampouco ser indiferente a suas vontades. Apesar de seu apetite por mulheres, elas não possuem um falo, que é o a única fonte do símbolo sexual, econômico, ideológico e político poder dos homens. Marginalizadas, ambos pelos homens e as mulheres heterossexuais, as lésbicas são exiladas a um espaço além do sexo e do gênero, um espaço ‘estranho’. Portanto, “uma lésbica tem que ser qualquer outra coisa, uma não-mulher, um não-homem” (Wittig, “One Is Not Born a Woman”, 1980). Essa dupla alienação força as lésbicas a um vácuo de identidade àquelas que recusam a aturar a opressão e “ser definida”, tendo nenhuma escolha, a não ser, derrubar completamente a hegemonia heterossexual e criar suas próprias identidades.

Como os estudos de linguagem e semiótica penetram na antropologia, psicanálise, estruturalismo e outros sistemas teóricos modernos, linguagem e discurso se tornam mais conscientemente analisados e aplicados às discussões políticas dos movimentos de liberação das lésbicas e das mulheres (Wittig, “The Straight Mind”, 21). É óbvio que “as lésbicas não são mulheres” não é somente radical, mas

também um discurso efetuado através da linguagem heterossexual, embora, com o significado oposto e destrutivo. Na análise de Wittig, o discurso do straight mind é baseado na constituição das diferenças, não somente pelos papéis de gênero, mas também pelos de raças, classes e outras identidades. Como uma política de semiologia, as diferenças funcionam para mascarar a opressão sobre a dominação por constituí-las como as “outras” (“The Straight Mind”, 29). A fim de expor a opressão do “contrato heterossexual” de dentro, Wittig tira proveito de sua linguagem como um importante suporte político para desconstruir a sua ideologia, e rearranjá-la em outra dimensão de conhecimento.

Para muitas feministas heterossexuais, o conceito mais útil em explicar a opressão sobre as mulheres é o patriarcado, um sistema de dominação masculina. Esse conceito de patriarcado “implica uma forma universal de opressão baseada nas diferenças biológicas entre homens e mulheres” (Hollows, 7). Adotando a teoria darwinista da evolução, elas acreditam que o relacionamento social entre homens e mulheres, em geral, é uma reflexão da divisão natural das características fisiológicas entre machos e fêmeas no curso do desenvolvimento da evolução (Wittig, “One Is Not Born a Woman”, 1970). Com essa crença, elas lutam para empoderar as mulheres, redefinindo suas potencialidades biológicas e enfatizando a singularidade das mulheres e superioridade, como sua capacidade de dar a luz e a maternidade. No entanto, esse modo de pensar cai novamente na armadilha de traçar a origem da opressão das mulheres dentro delas mesmas, deixando de ser consciente que todas essas diferenças, na verdade, são formações políticas e sociais (Wittig, “One Is Not Born a Woman”, 1970). Na perspectiva lésbica feminista, “matriarcado e patriarcado são igualmente opressivos, pois são igualmente heterossexistas”, sendo que ambos aderem as categorias de homens e mulheres como sendo

de alguma maneira naturais ou inatos e reforçando a oposição binária de mulher e homem (Wittig, "One Is Not Born a Woman", 1970).

Portanto, a postura de Wittig difere da maioria das feministas heterossexuais em suas consciências e objetivos últimos. Para as feministas heteros, seus objetivos é tirar o mundo do aperto da morte do patriarcado e transformar as relações desiguais entre homens e mulheres. Todavia, como uma feminista lésbica, Wittig visa além, para destruir todo o sistema heterossexual e lutar pela "sociedade assexuada" (Wittig, "One Is Not Born a Woman", 1970). Ela procura a realização para todos existirem como puramente indivíduos, destruindo a categoria de sexo e rejeitando todas as teorias baseadas nela. Comparada com a segunda onda do feminismo que enfatiza a "sororidade", uma força coletiva realizada através da solidariedade de mulheres e suas experiências comuns de opressão (Hollows, 5), as tentativas do discurso de Wittig é fazer a mulher singular por constituí-la como indivíduo sujeito de sua história ("One Is Not Born a Woman", 1970). Em sua opinião, a motivação interna da luta das lésbicas feministas não é a vitória abstrata ou imaginada da categoria de "mulheres", em vez disso, elas lutam por elas mesmas enquanto indivíduos, que não podem ser reduzidas a nenhuma classe, relações sociais ou outros significados de diferenciação.

No entanto, o que precisa ser reexaminado é se a afirmação de Wittig, com o gesto de um repúdio radical ao discurso heterossexual, pode realmente desconstruir a ideologia heterossexual. Ao final de "The Straight Mind" Wittig argumenta: "O que é a mulher? Pânico, alarme geral para uma defesa ativa. Francamente, este é um problema que as lésbicas não têm por causa de uma mudança de perspectiva, e seria incorreto dizer que as lésbicas se associam, fazem amor, vivem com mulheres, pois 'mulher' tem significado apenas em sistemas de

pensamento heterossexuais e em sistemas econômicos heterossexuais. As lésbicas não são mulheres” (32).

De acordo com esse argumento, na opinião de Wittig, a mulher é uma relação social ao homem definida somente em um sistema heterossexual. Uma vez que as lésbicas não são heterossexuais, elas não são mulheres. Contudo, como Jacob Hale apontou, o conceito de “mulheres” tem múltiplas características na cultura dominante, incluindo “ausência de pênis, presença de órgãos reprodutivos, ter uma identidade de gênero como uma mulher” e assim por diante (54). As treze definições das características da categoria mulher listada por Hale, sugere que “mulher” só tem significado em níveis plurais, não somente no social, cultural, econômico e poder político, mas também no biológico e psicológico. Por exemplo, no caso de uma experiência transexual, a própria identificação de gênero do sujeito é ponderada mais fortemente do que a orientação sexual na decisão de seu papel de gênero. Limitando “mulher” somente a uma categoria heterossexual, Wittig simplifica a variedade dos modos em que cada pessoa está generizada [gendered] e negligência a motivação interna do sujeito. A afirmação que as lésbicas não são mulheres serve como uma estratégia discursiva declarando a rejeição e desconstrução dos rótulos sexuais, mas providencia uma pequena inspiração para a articulação complexa da relação entre ser uma mulher e ser uma lésbica.

Como a própria Wittig argumenta, a constituição das diferenças é um ato de poder da heterossexualidade para “ocultar a todos os níveis os conflitos de interesse, incluindo os conflitos ideológicos” (“The Straight Mind”, 29). Similarmente, sua afirmação “as lésbicas não são mulheres” constrói as lésbicas como uma categoria monolítica em oposição ao “straight mind”, mas oferece pouca extensão para dar consideração as complexidades e tensões entre os grupos de lésbicas. Quando

respondendo a questão: “São as lésbicas mulheres?”, Hale afirma que “algumas são, algumas não e em muitos casos isso de fato não importa. Há muitas diferenças entre as lésbicas a respeito de quais definições de características de mulheres elas se satisfazem” (56). Além do mais, a diferenciação de butch e femme entre os grupos de lésbicas é outra forma da estrutura normativa heterossexual, de outra perspectiva, ao menos manifesta que as lésbicas também têm características diferentes e não podem ser reduzidas a uma determinação prescritiva. Na afirmação de Wittig que as lésbicas não são mulheres, todas as lésbicas são excluídas dos valores de feminilidade e mulheridade pelo patriarcado e a heterossexualidade. Por isso, o discurso de Wittig tende a ser outra construção essencialista e exclusionária da identidade lésbica, e assim, uma vez mais, aprisionada no modo do pensamento binário da heterossexualidade.

Para concluir, no abrangente e inevitável discurso da heterossexualidade, a afirmação radical de Wittig desnaturaliza a artificialidade corrente do sistema sexo/gênero e revela a doutrina das diferenças que esconde a opressão das mulheres pelos homens. Em contraste com as feministas heterossexuais, ela visa para além da abolição da categorização gênero/sexo e o advento da subjetividade individual pela virtude de reinterpretar a linguagem heterossexual que “as lésbicas não são mulheres”. No entanto, sua saída radical da heterossexualidade arrisca simplificar o significado de ser uma mulher, construindo as lésbicas como uma categoria holística, que recorda a utopia e o pensamento binário que ela própria critica. Além do mais, a impossibilidade de transcender o corpo biologicamente “heterossexualizado”, traz novamente o impasse da liberação de gênero: é a desconstrução do sistema gênero/sexo outro tipo de construção e é realmente possível transcender aos papéis de gênero?

Obras citadas:

Beauvoir, de Simone. **The Second Sex**. Trans. H.M. Parshley. New York: Vintage Books, 2010. 301. Print.

Hale, Jacob. "**Are Lesbians Women?**". *Hypatia*. Volume 11, Issue 2. New Jersey: Wiley-Blackwell, 1996. 94–121.

Hollows, Joanne. "**Second-wave Feminism and Femininity**". *Feminism, Femininity and Popular Culture*. Manchester and New York: Manchester University Press, 2000. 1-18.

Wittig, Monique. "**One Is Not Born a Woman**". *The Norton Anthology of Theory and Criticism*. Ed. Vincent B. Leitch. NY: W. W. Norton & Company, 2010. 1904-13. Print.

Wittig, Monique. "**The Straight Mind**". *The Straight Mind and Other Essays*. NY: Harvester/Wheatsheaf, 1980. 21-32. Print.